

Fonte: *U. G. L. B.*

Data: *24/07/80*

Class.: *17*

Pg.: *13*

Governo decide polêmica de dez anos

Os tapaxós ganham de volta as terras do Descobrimento



Ao conseguirem reunir um "conselho" em 1974, os tapaxós mostraram que haviam preservado um mínimo de seus costumes

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro do Interior, Mário Andreazza, assinará, quinta-feira, com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, um acordo que garante aos índios pataxós direitos sobre as terras de Monte Pascoal, numa extensão de 22 mil hectares.

Os pataxós já ocupam uma parte dessa região — um estreita faixa de terra, em que foram confinados, enquanto durante mais de dez anos se discutiu o destino que lhes seria dado. Hoje, a comunidade começa a refazer-se: 1.700 índios estão vivendo na aldeia de Barra Velha.

UM ACORDO DIFÍCIL

Nos últimos anos, Funai e IBDF divergiram acerca da orientação a adotar em relação aos índios. A Funai reconhecia que o plano de transferência dos pataxós para Santa Cruz de Cabralia — um confinamento em terra árida — era no mínimo desumano. Depois, numa posição ainda mais liberalizante, passou a defender a destinação da reserva de Monte Pascoal, com exclusividade, aos pataxós. O IBDF, por sua vez, evoluiu da posição inicial, que dava a presença dos índios como prejudicial à ecologia, para a

postura atual, que admite, para os pataxós, a condição de "protetores" do patrimônio ecológico e histórico representado pela região.

O acordo firmado pelo presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, e o presidente do IBDF, Mauro da Silva, será referendado pelos ministros Mário Andreazza, do Interior, e Amauri Stabile, da Agricultura.

TRADIÇÃO RECONHECIDA

O documento que será assinado quinta-feira reconhece, enfim, o "direito histórico" dos pataxós à ocupação da reserva. Diz:

"Considerando que parte da área é ocupada tradicionalmente pela comunidade indígena Pataxó-Barra Velha, amparada, pois, pelas disposições do Estatuto do Índio, respeitando-se o consenso histórico e a situação atual, os signatários do presente acordam em destacar a área compreendida pelos limites descritos no memorial descritivo, que servirá de habitat permanente da comunidade indígena Pataxó-Barra Velha".

Os primeiros contatos oficiais para a entrega aos pataxós das terras de Monte Pascoal foram feitos em 1968. Segundo o ministro Mário Andreazza, o acordo representa um "fato marcante", pois, "se estará entregando, com todas as garantias, a terra que de fato e de direito sempre pertenceu aos índios".



Há seis anos os remanescentes da tribo tentam redescobrir sua cultura. À noite, na aldeia de Barra Velha, as crianças aprendem danças antigas com a velha Vicentina, uma pataxó autêntica

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O globo

Class.: 17

Data: 27/07/80

Pg.: 13 (cont.)

O sofrimento do povo que viu o Brasil nascer

A primeira visão do Brasil: "Neste dia, a horas de véspera, houve vista de terra, primeiramente dum monte, mui alto e redondo". E a primeira visão de gente: "Pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos".

O pedaço de terra que Pero Vaz de Caminha descreve, avistado a 22 de abril de 1500, mudou pouco. Mudou a gente: mestiços ou puros, os rostos já não são muito bons, o avermelhado se perdeu, a custa da miséria, malária e verminose.

Em 1977, após séculos de dispersão e de precários reencontros, o que havia dessa gente no lugar do Descobrimento era isto: cinco pataxós "puros" e 300 mestiços. Uma dúzia de porcos e duas dúzias de galinhas. Três cachorros e o magro cavalo do cacique Tururim.

E, no entanto, esse era um começo de tempos melhores. O pior tinha sido antes, culminando no massacre de 1951, quando os pataxós tiveram sua aldeia incendiada e por pouco não desapareceram definitivamente.

Desses índios, sabe-se que foram contactados — isto é, tiveram um encontro mais ou menos aparatoso com os chamados civilizados — ainda no século XVII. Através de missionários e comerciantes, eles tiveram um encontro mais prolongado — e mais dramático — do que a fugaz aparição de Cabral e seus marinheiros.

O que significavam esses primeiros contatos não se sabe. Sabe-se que, mais tarde, os pataxós andaram perdidos pelo Norte de Minas e de lá foram empurrados de volta pelos bandeirantes. Só em 1816 criariam coragem para aproximar-se de aldeias e pequenas cidades.

Nesas idas, vindas e sucessivas derrotas, perderam quase tudo, inclusive a língua que falavam ao tempo do descobrimento. Supõe-se que, originariamente, o tronco linguístico dos pataxós era macrogê. Hoje, usam palavras e expressões maxacalis.

A 'SUBLEVAÇÃO' DE 1951

"Diadepapeta" é como chamam o demônio — que esteve solto em 1951, utilizando-se da ingenuidade de um chefe índio identificado como "Honório" e da esperteza de alguns brancos jamais identificados.

Honório, contam índios e brancos, era um pataxó jeitoso, merecedor de

cuidados especiais do antigo Serviço de Proteção do Índio. Em 1950, o SPI levou-o para viajar. Honório conheceu o Rio e ficou encantado. Conheceu o presidente da República e deslumbrou-se.

De volta a região do Monte Pascoal, foi procurado por dois brancos, que lhe prometiam, em nome do presidente ("papai grande") demarcar e proteger as terras ocupadas pelos pataxós. Para isso, diziam, era necessária a colaboração dos índios, que deviam expulsar comerciantes e intrusos.

Honório acreditou. Nos primeiros dias de maio de 1951, sucederam-se as invasões. Fios telegráficos foram cortados. Era uma inédita "sublevação" indígena.

Vieram tropas, da Vila do Prado e de Porto Seguro. Vitorino Batista da Cruz, morador do povoado de Caraiva — a dez quilômetros da aldeia dos pataxós — participou dessa expedição civil-policia-militar. Acusado de incendiar choças dos índios, ele, em 1977, confessaria: "Botei fogo na aldeia, sim. E aquilo nunca foi aldeia. Aquilo lá é coisa de caboclo, mesclado com índio. Não é índio".

O episódio de 1951 foi atribuído, à época, a um exótico plano comunista. Hoje, se imagina que havia outros interesses em jogo. Principalmente, o interesse na exploração das terras de Monte Pascoal.

A DESTRUIÇÃO DA CULTURA

Em 1960, o SPI concluía que não havia mais o problema dos pataxós. Porque, simplesmente, eles não mais existiam.

Não era bem assim. Em 1974, a velha Vicentina contava o que foram esses anos de dispersão: "Nosso povo foi morrendo, minguando". Os sobreviventes ocultaram-se no mato. Um tipo de vida que significava simplesmente a perda da identidade.

A socióloga Maria do Rosário, que conviveu com os pataxós, explica: "A aldeia é a coisa que o índio mais preza. Nela estão seus mortos, seus heróis, seu universo mítico. Quando, em 1951, eles foram obrigados a abandonar a aldeia, algo muito grave aconteceu para todo o grupo: surgiu entre eles o medo da condição de índio. Os pataxós ainda agora não são um grupo organizado. São um grupo em fase de organização. Em 1951, formavam uma tribo, constituíam uma cultura. Depois mudou tudo. Basta recor-

dar, uma vez mais, que em 1960 eram dados como extintos".

A reorganização começou em 1974. Guiados por velhos instintos — e menos temerosos da Funai do que do antigo SPI —, os pataxós foram regressando a Barra Velha, onde ficava a antiga aldeia. E, prova de que haviam preservado um mínimo de sua cultura, conseguiram reunir um "conselho" e escolher um chefe. O eleito foi Tururim. Não era o mais forte, mas era o mais hábil, o único capaz de — na opinião dos mais velhos — parlamentar com os brancos e esquivar, sem confrontos nem "sublevações", os golpes dirigidos contra seu povo.

Recriou-se a aldeia e — como ensina Maria do Rosário —, retomou-se a busca da antiga cultura. A noite, Vicentina reunia as crianças, ensinava-lhes danças antigas. Na linguagem, nada a ver com o macrogê. Mas as palavras maxacalis voltam a insinuar-se nos cantos: quitoque é menino, impá é homem, quijeme é casa, baixul é a mulher bonita — de bom rosto e bom nariz, como anunciava Vaz de Caminha.

Produzindo sua sociologia sem teses de mestrado, a velha Vicentina praticamente repetia a lição de Maria do Rosário, ao dizer: "Uma planta, quando se acostuma num chão, morre se for levada para outro chão. O nosso povo, se sair daqui, vai morrer também".



Mestiços ou puros, os pataxós são o último vestígio da civilização indígena da época do Descobrimento

A ECOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO

No entanto, depois desse reagrupamento, os pataxós ainda sofreriam ameaças. O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal queria transferir os pataxós para o município de Santa Cruz de Cabrália, confinando-os a um areal onde a caça é inexistente e a lavoura uma impossibilidade. O IBDF raciocinava segundo uma concepção de ecologia que dava o índio como uma força predatória da natureza. Depoimentos como o de João Nascimento — um velho que integrou o conselho dos pataxós, desde que eles se reuniram para recriar a aldeia — não abalavam essa estranha ecologia apregoada pelos civilizados: "Meu povo vivia da caça, e a fome não existia, porque o mato estava cheio de jabuti, viado, porco-do-mato e paca. Os curandeiros tinham sempre as ervas certas para acabar com a febre alta. As mulheres sabiam fazer panelas de barro, as festas davam gosto".

O antropólogo Pedro Agostinho, que coordenou uma pesquisa feita pela Funai em conjunto com a Universidade Federal da Bahia, considera que, além do falso conceito de ecologia e do interesse pelas terras mais férteis em torno de Monte Pascoal, havia em jogo também a questão do turismo. Dizia ele, em 1974: "Graças à BR-101, pretende-se atrair parte do fluxo turístico destinado ao Norte — e nessa atração os pataxós, com toda sua deculturação, são vistos como fator importante. Vislumbra-se a latente competição dos municípios pela posse dos índios".

Em 1976, finalmente, o bom-senso da Funai predominou. E o IBDF admitiu que os índios permanecessem em seu reduto tradicional, abandonando-se o sonho de transferi-los para Santa Cruz de Cabrália. Restava apenas — e isso é feito agora com o decreto de desapropriação dos 22 mil hectares de Monte Pascoal — retirá-los do confinamento a uma estreita faixa de terra. Dar-lhes espaço para a caça, a busca das ervas, a transmissão da cultura às crianças.

E, mais do que para a Funai, mais do que para o IBDF, as crianças são, para os índios, uma preocupação muito importante. Quitoque, dizem eles, é a maior graça que Tupã concedeu ao homem.